

## O Real como Acontecimento Indiscernível

Christian Ingo Lenz Dunker\*

Lacan tem duas formulações mais conhecidas acerca do nó. A primeira encontra-se em “*Significação do Falo*” e afirma que o complexo de castração tem uma função de nó tanto na estruturação dos sintomas, quanto na instalação no sujeito de uma “posição no inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo” [1]. A segunda formulação apresenta o nó como uma estrutura instável, dependente do Nome-do-Pai, ou de outra forma qualquer de suplência para manter-se como unidade, ainda que unidade paranóica da personalidade ou como “dissolução do mito do sujeito”[2]. Tudo se passa como se, na primeira formulação, Lacan estivesse a tematizar o nó como gênese do sintoma a partir do sujeito como instância capaz de identificação com o semblante de seu sexo: homem ou mulher. Inversamente, na tese final, o sujeito precisa ser dissolvido, ele mesmo, como mito ou personalidade para que os três registros possam encontrar sua unidade. São duas versões que tem em comum o fato de que, em ambas, o Real é indiscernível. Quem diz *discernir* diz separar, distinguir, reconhecer diferencialmente. No primeiro caso, a ausência de inscrição da posição sexual do sujeito no inconsciente torna indiscernível o primeiro andar da sexuação, ou seja, a distinção entre o lado “homem” e o lado “mulher”. No segundo caso, a ausência de inscrição do Nome-do-Pai torna indiscernível Real, Simbólico e Imaginário, suspendendo o fato de que estes formem uma unidade ou constituam um sujeito.

Tanto a castração quanto o sujeito deveriam ser pensáveis como um acontecimento. A característica fundamental de um acontecimento é que ele é contingente. Mas ele é contingente em um sentido muito especificamente lacaniano, ou seja, não apenas como oposição ao possível e contradição ao necessário, mas como afirmação da possibilidade e negação da necessidade. Lembremos que a noção de indiscernível opõe-se à ideia de contradição. Ou seja, enquanto a sexuação masculina baseia-se na contradição entre o para-todos da castração e a exceção do ao-menos-um, a sexuação feminina compõe-se de um indiscernível entre a contingência do não-todo e a impossibilidade da não exceção[3].

Entre estes dois modelos de entendimento do nó, referidos respectivamente ao plano dos semblantes e ao plano dos gozos, há um terceiro emprego, muito menos conhecido, da noção de nó. Neste caso não estamos às voltas com a constrição do sujeito ou com a dissolução do sujeito (em parlêtre), mas com o sujeito em sua relação fantasmática:

“*Gozo*, que do mesmo modo é o que, a todo instante – e especialmente no *sintoma* – se propõe a nós como *indiscernível desse registro da satisfação*. Pois que, a todo instante, para nós, o problema é saber *como um nó*, que não se suporta senão de *mal-estar e sofrimento*, é justamente isso pelo qual se manifesta a instância de *satisfação suspensa*: propriamente isso onde o sujeito se sustenta enquanto tende para uma satisfação.” [4]

Esta “tendência para uma satisfação” é uma definição do sujeito que não se reduz nem a uma posição, a posição no inconsciente, nem ao efeito de real, próprio da articulação borromeana. A segunda característica do nó formado por mal-estar, sofrimento e sintoma é que ela está marcada por escansões, ou seja, disjunções temporais, e não por desenodamentos. Além disso, altera-se o tipo de formalização. Enquanto no caso da significação do falo a referência é a topologia combinatória (como

no Grafo) e na teoria dos nós estamos em uma topologia não inteiramente matemática, quando se trata do nó do fantasma a referência é o número de ouro ou a secção áurea, ou seja, o cálculo diferencial integral. Esta abordagem presume um entendimento muito interessante do real por Lacan, pois aqui ele não é apenas um caso do impossível (repetição), nem uma versão do acontecimento (traumático), mas uma experiência infinitesimal, uma “tendência a”.

Supõe-se que a primeira intuição do problema da irracionalidade acontece no contexto das matemáticas pitagóricas, que Platão teria modificado no *Menon*, texto no qual Lacan se apoia para falar da psicanálise como um método dialético no Seminário I. Lembremos que o problema para Menon, o escravo, é como ele poderia escrever um quadrado com o dobro do lado de um quadrado dado. Por meio de perguntas irônicas e maiêuticas, Sócrates mostra como ele sabia e não sabia que sabia o procedimento necessário para o cálculo. Para tanto ele deveria saber absorver a função dos seus próprios erros de pensamento e lembrar-se do que ele teria aprendido com cada fracasso.

A releitura simplificada de Platão retoma o método da *antiphrasis*, desenvolvido pelos pitagóricos, por meio do qual sempre haverá uma proporção possível entre duas medidas pela reaplicação indefinida de uma medida mútua. A suposição tácita deste método é que se algo pode ser medido, isso pode ser feito em um número finito de passos. No entanto, conta a lenda que durante a viagem da Sicília ao continente, Hipasso de Metaponto propôs aos pitagóricos resolver, por meio deste método, o problema composto pela relação entre o lado do pentágono regular com a medida da sua diagonal. Depois de examinar o problema e declará-lo insolúvel, Hipasso introduz um novo tipo de prova no universo de pensamento grego: ele mostra que é impossível que exista uma relação entre o lado e a diagonal. Esta seria a primeira prova conhecida sobre a existência dos números irracionais a partir da inferência de uma reta Real. Em retribuição a este feito, os companheiros de Hipasso jogaram-no ao mar. Acontecimento que para todo sempre se poderá associar com a resposta do fantasma quando confrontado ao Real, quando este aparece como acontecimento indiscernível.

---

\*Psicanalista, Professor do Instituto de Psicologia/USP, AME da EPFCL

[1] Lacan, J. (1958) *A significação do falô*. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998( 692).

[2] Lacan, J. (1975-1976) O Seminário Livro XXIII O Sinthoma. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2007(37).

[3] Lacan, J. (1971-1972) O Saber do Psicanalista. Lição de 1 de julho de 1972.

[4] Lacan, J. (1966-1967) *O Seminário Livro XIV A Lógica do Fantasma*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008 (392).